

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano VI — Número 62

Fevereiro de 1968

## A ESPOSA DO PASTOR

*Existe em vossa igreja, irmão, alguém por certo  
que muito bem conhece a vida do pastor;  
Tem chorado e sorrido e tem com ele orado:  
É a esposa, bem sabeis, de vosso pregador.*

*Do ministro conhece os pontinhos mais fracos,  
e conhece também onde está seu poder.  
Ela o tem escutado em arroubos pujantes  
no triunfo maior do seu santo dever.*

*E o tem visto igualmente em agonia de alma,  
na renhida batalha em prol do Salvador.  
Com a mão em sua mão, ajoelha a seu lado,  
pois lembra que é mulher do vosso pregador.*

*Ouvis mil narrações acerca dos profetas  
que andaram neste mundo o evangelho a pregar  
e mudaram de todo o curso à nossa história,  
por exaltar a cruz nas terras de além-mar.*

*Sabei, porém, que atrás de todos esses homens  
estava uma mulher a inspirar-lhes valor,  
quando chorava e ria e orava ao lado dele.  
Quem era essa mulher? A esposa do pastor!*

Autor Desconhecido  
Trad. Isolina A. Waldvogel

# Problemas Enfrentados pela Igreja

por Robert H. Pierson

Presidente da Conferência Geral

«Irmãos», escreveu Paulo aos crentes de Tessalônica, «orai por nós» (1 Tess. 5:25). Quão frequentemente o apóstolo dirigia esse sentido apelo a seus filhos em Cristo. Rogou à igreja de Roma que orasse por ele ao iniciar a sua longa e perigosa viagem para Jerusalém. (Rom. 15:30-32). Expressou confiança de que a sua prisão em Roma se converteria em bem como resultado das orações dos filipenses (Fil. 1:19).

Expressou semelhante esperança na sua epístola a Filemon. «Prepara-me então um quarto, em tua casa», escreveu ele, «pois, graças às tuas orações, espero poder visitar-te novamente». (Filemon 22, Phillips). A igreja de Corinto estava, dizia ele, «ajudando-nos com orações por nós» (2. Cor. 1:11). Paulo acreditava na oração. Ele também compreendia que como dirigente espiritual necessitava das orações do seu povo.

Irmãos e irmãs, vossos dirigentes hoje necessitam das vossas orações! Talvez mais do que em qualquer outro período da história da Igreja, os que ocupam posições de responsabilidade espiritual necessitam da certeza da vossa constante intercessão em seu favor.

Os vossos dirigentes hoje enfrentam problemas tremendos, e à medida que o tempo passa a situação irá piorando. «Perigos terríveis estão perante os que desempenham responsabilidades na obra de Deus — perigos cujo pensamento me faz tremer». — *Mensagens Escolhidas*, Livro II, pág. 391. «Estamos no próprio limiar do tempo de angústia, e perplexidades de que mal sonhamos estão à nossa frente». — *Testimonies*, vol. 9, pág. 43.

A obra de Deus não será terminada num período de paz e prosperidade. Antes de o Salvador voltar para reunir o Seu povo «haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde que houve nação até àquele tempo» (Daniel 12:1). Precedendo esse tempo de angústia, haverá tempos de confusão e frustração, e situações que exigirão sabedoria mais que humana da parte dos dirigentes da obra de Deus. Não há dúvida de

que estamos entrados nesse tempo.

Creio que vós, povo de Deus, devíeis estar ao corrente dos problemas que se apresentam em diferentes partes do mundo. Isso vos permitirá que oreis mais inteligentemente em favor dos que têm de fazer planos e decisões, por vezes em circunstâncias difíceis. Cremos também que os nossos membros, como parte da igreja, deviam ser inteligentes acerca das coisas que afectam a igreja que amamos. É desejo dos vossos dirigentes participar convosco acerca de tais assuntos. Ansiamos pela vossa compreensão, o vosso conselho e as vossas orações.

«Um poder de baixo está levando os homens contra o Céu. Os seres humanos confederam-se com agentes satânicos para anular a lei de Deus. Os habitantes do mundo depressa se vão tornando como os do tempo de Noé, que foram exterminados pelo dilúvio, e como os de Sodoma, que foram consumidos por fogo que caiu do céu. Os poderes de Satanás estão a trabalhar para conservar o espírito dos homens alheio às realidades eternas. O inimigo dispôs as coisas de maneira que servissem aos seus propósitos. Actividades mundanas, desportos, as modas da época — são coisas que ocupam o espírito dos homens e mulheres. Diversões e leituras inúteis corrompem o juízo. Na estrada larga que leva à ruína eterna anda um cortejo longo. O mundo, cheio de violência, festas e bebedice, está pervertendo a igreja. A lei de Deus, o divino padrão de justiça, é considerada de nenhum efeito». *Testemunhos Selectos*, vol. III, pág. 306.

Aqui a serva do Senhor revela problemas tanto exteriores como interiores à igreja que têm de ser enfrentados pelos dirigentes das nossas igrejas locais e pelos administradores da igreja em geral.

## Problemas exteriores à Igreja

Um mundo «cheio de violência», «seres humanos... confederados com agentes satânicos» apresentam embaraçosos problemas

e de fora da igreja ameaçam a terminação da obra. Guerras declaradas, sublevações políticas, lutas fratricidas, crime e violência, tudo isso afecta o progresso da Obra de Deus.

Apesar dos malignos ataques de Satanás, os dirigentes na causa de Deus não devem hesitar ou fracassar na condução da igreja para a vitória final.

Estas são apenas algumas das dores de cabeça que os vossos dirigentes em muitos países enfrentam hoje. Quanto necessitamos todos da vossa compreensão e das vossas orações para que o Senhor dê sabedoria especial para manter a obra avançando de maneira forte apesar dos obstáculos, perigos e frustrações que a cercam.

### Problemas internos da Igreja

Dentro da igreja levantam-se numerosos problemas devidos a custos cada vez mais caros, a exigências académicas, a requisitos oficiais sobre condições de trabalho, e a uma grande carência de obreiros adventistas qualificados.

Nossos administradores responsáveis pelas escolas primárias e secundárias, bem como pelas universidades, enfrentam em muitas partes um difícil futuro financeiro. Os salários cada vez são mais elevados. Requer-se mais pessoal e mais bem qualificado. Pedem-se mais edifícios e mais equipamento moderno. Nalguns lugares o dilema é ou modernizar ou fechar. Nossa juventude deve ser educada num ambiente adventista. Não podemos fechar. De alguma maneira se têm de encontrar as maneiras e meios. Alguns de vós que nas igrejas locais sois responsáveis pelas escolas primárias sabeis do que falo. Os vossos oficiais da igreja local, da Conferência e da União necessitam das vossas orações nestas situações.

Nos nossos hospitais os nossos administradores enfrentam alguns dos mais difíceis problemas. Nestes têm sido empregadas pessoas que não pertencem à nossa fé, em virtude da falta de obreiros adventistas do Sétimo Dia qualificados. Nalguns casos somos obrigados a pagar salários que não se harmonizam com o conceito denominacional de «salários de sacrifício». Dos que não pertencem a esta bem-aventurada esperança não se pode esperar que sejam dominados pelos elevados ideais que experimentam os que pertencem à igreja. Resultado? Problemas!

São vertiginosas as necessidades financeiras da igreja em todo o mundo. Mas os vossos dirigentes confiam que o Deus que nos comissionou para terminar a Sua obra sob circunstâncias probantes proverá os meios para realizar a tarefa. Ele fará isso não fazendo chover notas de banco dos céus, mas impressionando os membros da Sua igreja a corresponderem com contribuições especiais muito acima dos donativos normais. O povo de Deus tem os meios. O Seu Espírito impressionará os que são especialmente abençoados para virem em auxílio do Senhor neste grande dia de oportunidade.

O problema que repousa mais pesadamente sob os corações dos dirigentes de Deus em cada nível é a condição espiritual da igreja. O mundanismo, adverte-nos a pena da inspiração, «ocupará as mentes» e «perverterá o juízo» de homens e mulheres cujos nomes se encontram nos livros da igreja remanescente de Deus. Satanás está procurando com persistência assegurar uma posição em nossas escolas, em nossas instituições, em nossas igrejas, e em nossos lares. Ele deseja ofuscar os nossos olhos e obscurecer a nossa visão de um Salvador crucificado. Deseja adormecer-nos numa complacência satisfeita, sem nos darmos conta dos tempos solenes em que vivemos. Satanás estará à obra, diz-nos também a mensageira do Senhor, «para conservar o espírito dos homens alheio às realidades eternas». Uma apatia laodiceana, indiferença mundana, descrença, liberalismo, e um insidioso neo-adventismo, tudo isto mina a vitalidade espiritual duma igreja que devia estar em vigilante expectativa nestes desafiantes últimos dias.

O maligno teria muito prazer e a sua causa seria bem servida se pudesse usar estes elementos de destruição para minar os fundamentos da mensagem adventista, deixando-nos apenas uma invertebrada mensagem impotente para enfrentar as exigências tremendas dos nossos dias.

Os vossos dirigentes têm de tratar com estes agonizantes problemas espirituais dentro da igreja remanescente. Com Paulo pedimos: «Irmãos, orai por nós» — em primeiro lugar, para que nós mesmos possamos corresponder às exigências espirituais desta última hora, e em segundo lugar, para que possamos ser usados pelo Espírito Santo para levar o povo de Deus a uma experiência de reavivamento e reforma que le-

*Continua na pág. 11*

# O Valor da Existência Humana

por Artur de Oliveira

«Eu não pedi a ninguém para vir a este mundo». Assim se expressava certo homem ateu com quem um dia contactámos, manifestando deste modo o seu desgosto pela vida.

É um facto incontestável que todos viemos a este mundo sem qualquer interferência da nossa parte. Até mesmo o papel dos pais é secundário. O mistério da fecundação escapa a qualquer controlo humano. Mas mesmo que o homem pudesse interferir no âmbito biológico haveria sempre um mistério impenetrável, a saber a nossa identidade, o nosso Eu moral ou a consciência da nossa individualidade. Este mistério pertence a Deus.

Mas uma vez nascidos, somos aquilo que somos e assim como nada fizemos para virmos a este mundo, do mesmo modo, moralmente falando, nada podemos fazer para alterar ou quebrar o fio da nossa existência. O suicídio não resolve mas apenas complica, de forma irremediável, o nosso caso. Tudo quanto temos a fazer é aceitar a vida tal como nos foi transmitida. E a aceitação da existência, sendo um privilégio, constitui igualmente a mais solene de todas as responsabilidades. O desconhecer ou desprezar esta responsabilidade, implica no desconhecer ou desprezar a dignidade ou valor moral do homem. Quando o homem se respeita a si próprio e assume as suas responsabilidades, a vida adquire novas dimensões.

Não há nenhum homem, com pleno domínio das suas faculdades, que no fundo não aprecie a existência e a não considere um privilégio. A vida apresenta, como é óbvio, aspectos agradáveis e desagradáveis, felicidades e tristezas, alegrias e dissabores. Quando o homem prefere a morte à vida, isto significa simplesmente que não deseja ou não se sente com forças para suportar o lado triste ou desagradável que a vida lhe confere.

Eis a razão pela qual o homem necessita urgentemente de um poder espiritual que o

transcenda para que possa encarar a vida como digna de ser vivida. A existência humana é de um valor tal que supera o agradável e o desagradável, o prazer e a dor. O homem não existe simplesmente para procurar a satisfação própria mas acima de tudo para o cumprimento de uma missão. Esta missão é tão sagrada e irrevogável como a sua mesma existência.

Cristo, o Redentor deste mundo, demonstrou pelos Seus ensinamentos e pela Sua vida o segredo da existência humana. «A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui», declarava Ele às multidões, refutando a falsa filosofia da vida que já em Seus dias imperava sobre as consciências. Cristo ensinava aos homens que a «vida» é sagrada e, posto que rodeada de espinhos e sofrimentos isto em nada diminua o seu valor, pois Seu Pai que está nos Céus — O Supremo Autor da Vida — vela e ampara os homens de boa vontade.

Não somente Cristo ensinou esta verdade como a viveu. Despojando-Se de todas as honras e prazeres deste mundo, assumiu a posição de um servo e, sendo igual a Deus, aceitou uma morte ignominiosa para que a Verdade e a Justiça triunfassem.

É olhando para Cristo e aceitando a sua divina filosofia da vida que podemos ter uma existência digna de ser vivida. Seguindo esta filosofia não procuraremos meramente a nossa própria felicidade mas a felicidade dos outros, procurando ser úteis na medida das nossas forças. Uma vida vivida em benefício do próximo nunca poderá ser inútil nem estéril. E quem a vive jamais será levado a desejar ou a tentar abdicar da própria existência, antes estimá-la-á no seu justo e elevado valor e nas ilimitadas dimensões que ela abrange em relação a Deus e ao próximo.

---

## Visado pela Censura

# O Problema da Diferenciação das Raças

por Ernesto Ferreira

Com muita frequência ouvimos as perguntas: Por que é que as pessoas têm cor diferente? Por que é que há diferentes raças? Que diz a Ciência a esse respeito? Que diz a Bíblia?

Vamos tentar responder, não com a pretensão de oferecer uma explicação cabal, mas com a esperança de prestar uma pequena contribuição para um melhor entendimento entre os homens.

## Origem das nossas características como indivíduos

As nossas características como indivíduos podem distinguir-se em hereditárias e adquiridas.

As *características hereditárias* não são transmitidas de pais a filhos pelo sangue, como se pensava até ao princípio do século actual.

Essa transmissão dá-se por meio dos *genes* — as mais pequenas unidades em que a matéria viva se pode perpetuar. Essas unidades vivas são estáveis, não se misturando nem perdendo a sua individualidade nas combinações em que tomam parte.

Os genes da mãe estão presentes, em grande número, no óvulo, e os do pai, também em grande número, no espermatozoide, isto é, nas células reprodutoras ou gâmetas dos progenitores, ao ser formado o ovo que dá origem ao novo ser.

Embora os genes sejam a única ponte de união entre pais e filhos, nunca puderam ser vistos pelo microscópio mais potente. No núcleo da célula reprodutora podem descobrir-se, porém, devido à propriedade de absorver certas matérias corantes utilizadas no laboratório para as tornar visíveis ao microscópio, pequenas partículas que se chamam *cromossomas* e que são, por assim dizer, cordas de genes.

No ovo humano encontram-se 48 cromossomas — 24 provenientes do gâmeta paterno e 24 do gâmeta materno.

Da maneira como os cromossomas se comportam podemos tirar conclusões acerca da transmissão dos genes.

As nossas características como indivíduos dependem, pois, primariamente, daquilo que herdamos dos nossos pais através dos genes.

Mas o que na realidade vimos a ser depende ainda doutro factor, o *meio*, ou outros termos, da maneira como a natureza hereditária responde ao seu ambiente. É essa a origem das nossas *características adquiridas*.

Herdamos muitas potencialidades que podem vir a manifestar-se em presença de determinados agentes. Assim, a tonalidade de cor da pele pode depender da radiação solar mais ou menos intensa; a estatura pode ser influenciada pela quantidade e qualidade de alimento ingerido durante o período de crescimento; a forma da cabeça pode ser afectada pela espécie de berço em que a criança jaz.

Por outro lado, o bom ou mau funcionamento das glândulas de secreção interna e a percentagem de vitaminas na alimentação são apenas mais alguns entre vários factores que se poderiam apontar.

Não falemos já das características intelectuais e morais, que em tão grande medida resultam do exemplo familiar, do contágio da sociedade, da educação e do cultivo pessoal.

Todas estas características adquiridas, ao contrário do que sucede com as hereditárias, não são transmitidas de pais a filhos por meio dos genes.

## Algumas características diferenciais

Não há duas pessoas absolutamente iguais, nem mesmo quando se trate de gémeos. Não nos referimos aos falsos gémeos, isto é, aos que embora nascidos do mesmo parto provêm de dois ovos distintos, não sendo portanto mais semelhantes entre si do que dois irmãos nascidos de partos diferentes. Até os verdadeiros gémeos, ou seja, aqueles que provêm do mesmo ovo, são diferentes, quanto mais não seja pelos seus caracteres adquiridos.

Na espécie humana há certas características hereditárias salientes que distinguem uns indivíduos dos outros.

1. Tomemos, por exemplo, o *tamanho e forma do esqueleto*. Há grupos humanos de estatura maior, outros em que os seus componentes são de baixa estatura, como sucede com os pigmeus do Congo.

2. Outra característica diferencial é a *cor dos olhos*, devido à desigual distribuição de pigmento na íris. Há pessoas com olhos castanhos, outras com olhos azuis, uns com tonalidade mais escura, outros com tonalidade mais clara.

3. Mencionemos também a *forma das pálpebras*. Há pálpebras com uma camada de gordura mais abundante do que a habitual, que obscurece a porção exterior de cada olho, fazendo parecer cada olho mais estreito e mais oblíquo do que os olhos dos europeus ou africanos. Embora os mongóis tenham com mais frequência esta espécie de pálpebras, não têm o seu monopólio, pois se encontram por vezes entre europeus, sobretudo em crianças.

4. Enumeremos ainda o *cabelo encarapinhado*, que sendo uma característica dos africanos, aparece ocasionalmente em todos os continentes e latitudes.

Faremos, porém, menção especial de duas características diferenciais: os grupos sanguíneos e a cor da pele.

5. *Grupos sanguíneos* — No sangue distinguem-se dois elementos principais: partículas vermelhas, que lhe dão a cor, e que se chamam glóbulos vermelhos, e um líquido transparente de tom de palha, que se chama soro.

Nos glóbulos vermelhos há substâncias que são chamadas substâncias ou *antígenos* A e B.

No soro há outras substâncias que reagem com os antígenos nas células do sangue e que se chamam substâncias ou *anticorpos* anti-A e anti-B.

Estas substâncias não têm igual distribuição no sangue de todas as pessoas. Sob este ponto de vista distinguem-se quatro grupos sanguíneos — A, B, AB e O — e num destes grupos está incluído cada indivíduo.

O sangue do grupo A contém antígenos A e nunca anticorpos anti-A; contém anticorpos anti-B.

O sangue do grupo B contém antígenos B e nunca anticorpos anti-B, mas sim anticorpos anti-A.

O sangue do grupo AB contém antígenos A e antígenos B, mas não contém nenhum anticorpo — nem anti-A, nem anti-B.

O sangue do grupo O não contém nenhum

antígeno, nem A nem B, mas contém os dois anticorpos anti-A e anti-B.

Quando há uma transfusão de sangue tem de haver compatibilidade entre os antígenos do dador e os anticorpos do receptor.

As transfusões podem ser feitas nos seguintes casos: De A para A, AB ou O; de B para B, AB ou O; de AB para AB, A ou B; de O para O, A ou B.

Em todas as raças há estas diferentes variedades de sangue. Assim, por exemplo, em certo país da Europa, há 42% de A, 11% de B, 3% de AB e 43% de O. Em Angola há igualmente uma grande variedade, embora não conheçamos dados estatísticos que permitam estabelecer a percentagem em que ocorre cada grupo.

6. *Pigmentação da pele* — A cor da pele é devida a determinados pigmentos.

Os pigmentos mais comuns pertencem aos seguintes grupos: a) *carotinoides*, que pouca importância têm para a coloração da pele, limitando-se por vezes a conferir-lhe uma certa tonalidade; b) *púricos*, que no homem apenas se assinalam na coróide dos olhos; c) *pirrólicos*, que têm alguma influência na cor dos cabelos ruivos; d) *melânicos*, que são os principais responsáveis pela cor da pele.

Os pigmentos melânicos são devidos às melaninas, elaboradas por células especiais, chamadas melanoblastos, nas camadas mais profundas da pele. A cor das melaninas pode ser acastanhada, avermelhada ou amarelada, e é determinada por uma substância, que provavelmente é a tirosina.

As melaninas elaboradas pelos melanoblastos são transmitidas à epiderme por outras células chamadas melanóforos.

As melaninas são pouco abundantes na raça branca, são mais abundantes na raça amarela, e ainda mais abundantes na raça preta.

O *albinismo*, por seu lado, é devido à carência de melaninas. Pouco frequente na Europa, observa-se com mais frequência em África, ao passo que a proporção é de 1 para 200 ou 300 entre os índios da América Central.

## Explicação das Características Diferenciais

A explicação mais simples seria a poligenia, ou seja, a existência de vários progenitores originais da espécie humana, distintos uns dos outros.

Essa explicação não corresponde, porém,

à realidade. Segundo o apóstolo Paulo, Deus «de um só fez toda a geração dos homens» (Act. 17:26).

Todos os homens descendem, pois, de Adão e de sua esposa Eva.

Quer isto dizer que as variedades de genes ou genótipos de todos os indivíduos de hoje estavam originalmente contidos em Adão e Eva.

Como se deram então as variações transmitidas de pais a filhos?

Essas variações podem ser produzidas por três causas principais:

1. Por *mutações*, ou mudanças de origem química, determinando variedades, ou alelos, dos mesmos genes.

2. Por *recombinações*, ou distribuições dos genes diferentes das que ocorriam em cada um dos progenitores.

3. Por *aberrações cromossómicas*, que resultam da adição ou subtracção de um ou mais cromossomas, ou na distribuição do material cromossómico.

Qual destes processos será o responsável pelo aparecimento de determinada característica diferencial hereditária?

Vejam os, por exemplo, os grupos sanguíneos. Tomemos uma criança do grupo A. Se a mãe é do grupo O, o pai tem de ser do grupo A; nunca poderia ser do grupo O ou B. Este facto, que pode fornecer um argumento negativo de valor na investigação da paternidade, leva a crer que os grupos sanguíneos não são uma mera recombinação de genes dos progenitores, embora remotos, mas resultado de uma mutação, com origem em alelos ou variações dos mesmos genes.

Que diremos da cor da pele? Estariam os genes de todas as cores contidos em Adão e Eva, sendo as diferentes pigmentações resultado de simples recombinações ou redistribuições, como sucede hoje com os mestiços em que se encontram combinados os genes do progenitor branco e do preto? Serão antes o resultado de um processo de mutação, ocorrido algures no passado?

A explicação não deve estar longe, mas cremos ser impossível determinar exactamente qual destas duas hipóteses é a verdadeira.

Em todo o caso é certo que, seja qual for a cor da pele, os respectivos genes procedem originariamente de Adão e Eva.

### **Como as características diferenciais se fixam em raças**

Tem havido vários critérios para a de-

terminação das raças, todos eles bastante discutíveis e em geral baseados na cor.

Hoje é geralmente aceita a seguinte classificação baseada na relativa frequência de uns oito genes: a) a europeia ou caucasoide; b) a africana ou negroide; c) a asiática ou mongoloide; d) a ameríndia, ou dos índios da América; e) a australoide.

O grande factor de fixação das características diferenciais nas raças é o *isolamento*.

Mencionemos em primeiro lugar o isolamento geográfico. Devido a vários factores, grupos de pessoas estabeleceram-se em certas regiões do globo, sem contacto, durante séculos, com outras populações. Não havendo ligações matrimoniais com elementos doutros grupos, foi-se mantendo uma proporção diferente de elementos hereditários.

Outra espécie de isolamento é o social, que se verifica na Índia, onde as diferentes castas durante séculos não se comunicaram; no Brasil, onde os índios do Mato Grosso não comunicaram com outras populações (entre os quais todos os indivíduos pertencem ao grupo sanguíneo O, quando no resto do país os grupos se encontram distribuídos por todas as classes sem distinção de cor ou procedência); na Espanha, onde os bascos, vivendo perto de espanhóis e franceses, mas pouco convivendo com eles no passado, mantêm certas características que os distinguem desses seus vizinhos; em Angola, onde os mucancalas (bochimanés) raras vezes cruzam com membros de outras tribos.

Além do isolamento, há a *adaptação do indivíduo ao meio*, levando-o, por um processo de selecção natural, a fixar-se no ambiente que lhe seja mais favorável. Sendo assim, não são as condições climáticas ou outras que produzem as características diferenciais, mas determinadas características diferenciais é que se fixam em meios que mais as favorecem. Não é o clima temperado que causa a cor branca nem o clima tropical que produz a cor preta, mas os brancos fixaram-se de preferência em regiões de clima temperado por ali se darem melhor, e os pretos em clima tropical por ali se darem igualmente melhor.

Mas à medida que o isolamento de outrora vai sendo substituído por uma intercomunicação cada vez maior, os caracteres distintivos das raças vão sendo menos pronunciados.

## Fusão de todas as raças em Cristo

As características diferenciais que acabamos de mencionar são apenas de natureza física e, por sinal, de importância mínima quando comparadas com as características fundamentais que todos os homens têm em comum.

Por outro lado, não parece provável que haja características mentais inatas que distingam populações raciais, pelo menos na proporção em que sucede com as características físicas.

O que realmente separa as raças não é tanto a cor ou a capacidade mental, como as diferenças de cultura, de costumes, de comportamento e de reacções devidas a longos séculos de permanência em meios sociais diferentes.

Não é de um dia para o outro que pessoas ou grupos de antecedentes por vezes antagônicos se podem harmonizar em perfeita compreensão.

Ora o que hoje se observa, por exemplo em África, é precisamente a transição brusca da vida da aldeia para a vida da cidade, dos costumes tribais para padrões de civilização exótica, da convivência com pessoas de igual formação para a convivência com pessoas de formação diferente.

Isso gera, por vezes, um clima de incompreensão, de incompatibilidade, até de hostilidade, que não raro cava um fosso profundo entre as raças.

Dada a imperfeição e corrupção do homem natural, é no Evangelho que temos de procurar a solução para o problema.

De acordo com os seus ensinamentos, todos os homens, a qualquer raça que pertençam, são propriedade de Cristo, adquirida com o Seu próprio sangue. Todos têm o mesmo valor aos Seus olhos. Todos são candidatos à salvação.

Mas isso é particularmente verdadeiro em relação àqueles que aceitaram a Cristo como seu Salvador. Lemos que «a todos quantos receberam» a Cristo, «deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus» (João 1:12). Pertencem todos a uma mesma família, da qual Deus é o Pai, Jesus o Filho por natureza e os crentes, sem distinção de raça, os filhos por adopção. Doravante todos devem estar unidos pelos laços do amor.

Se houver alguma distinção dentro da igreja (como a dos cultos em língua nativa distintos dos cultos em língua europeia),

essa deve ser baseada em razões de ordem prática, de interesse mútuo, e nunca em razões de ordem teológica.

Quando Cristo reina no coração, nem o menos privilegiado se revolta contra o que desfruta de certas vantagens, nem o mais privilegiado abusa da sua posição. Em vez de insatisfação, de incompreensão e ódio, haverá paciência, compreensão e amor.

Procuremos todos cultivar hábitos de disciplina física, mental e moral, desenvolvendo ao máximo as nossas capacidades; deixemos que, pela obediência à verdade, o Espírito de Deus transforme as nossas vidas à semelhança de Cristo. Para os que assim fizerem não há problema racial.

Para este, como para tantos outros problemas, a única solução é Cristo.

## BIBLIOGRAFIA

- L. C. Dunn, *Race and Biology*.  
Jean Rostand, *A Hereditariedade Humana* (trad. port.).  
Sylvia D. Lawler e L. J. Lawler, *Os Grupos Sanguíneos e a Hereditariedade* (trad. port.).  
J. A. Serra, *Fisiologia dos Pigmentos nos Vertebrados*.  
Harold W. Clark, *Genes and Genesis*.  
F. L. Marsh, *Life, Man and Time*.  
G. M. Morant, *The Significance of Racial Differences*.  
W. A. Visser't Hooft, *The Ecumenical Movement and the Racial Problem*.

---

«Os filhos de Deus são os que partilham de Sua natureza. Não é a posição terrena, nem o nascimento, nem a nacionalidade, nem os privilégios religiosos, o que prova ser membro da família de Deus; é o amor, um amor que envolve toda a humanidade. Mesmo os pecadores cujo coração não se ache inteiramente cerrado ao Espírito de Deus, responderão à bondade». — **O Maior Discurso de Cristo**, pág. 67.

# Contrastes entre a Primeira e a Segunda Vindas de Jesus

Hebreus 9:28.

## JESUS VEIO:

... como Cordeiro de DEUS — João 1:29  
... como Servo — Filip. 2:7  
... como Homem — I Cor. 15:47  
... como Filho do Homem — Luc. 19:10  
... no tempo predito — Gál. 4:4; Dan. 9:24-27; Marc. 1:15  
... humilhado — Act. 8:33  
... menor que os anjos — Heb. 2:9  
... beber o cálice da amargura — João 18:11; Mat. 26:39  
... anunciado por uma estrela — Mat. 2:1-2, 9-10  
... em três humilhações — Filip. 2:8  
... ser preso — João 18:12  
... ser vestido de púrpura — Luc. 23:11; Marc. 15:20  
... ser batido com uma cana — Miq. 5:1; Marc. 15:19  
... ser julgado injustamente — Luc. 23:2, 14; Marc. 14:56  
... ser coroado de espinhos — Marc. 15:17  
... anunciado por um Anjo precursor — Mal. 3:1  
... perder a vida — Isa. 53:8  
... fazer-Se igual a nós — Heb. 2:14; 4:15  
... e «não abriu a Sua boca» — Isa. 53:7  
... sofrer cansaço e sede — João 4:6-7; 19:28  
... pagar a Ele o castigo do mal que nós Lhe fizemos — Isa. 53:4-6  
... fazer misericórdia aos pecadores — Job 33:24  
... e Justiça aos santos — Jer. 23:6; 33:16; Sal. 85:10; Sal. 89:14  
... mostrar que o salário do pecado é a morte — Rom. 5:17

EIS AQUI O HOMEM — João 19:5

## JESUS VIRÁ:

... como Leão de Judá — Apoc. 5:5  
... como Rei — I Tim. 6:15  
... como DEUS — Tito 2:13  
... como Filho de DEUS — I Tess. 1:10  
... de surpresa — Marc. 13:32  
... exaltado — Isa. 2:17  
... mais excelente que os Anjos — Heb. 1:4  
... dar o cálice da Sua ira — Apoc. 14:10  
... anunciado por milhares de estrelas — Apoc. 6:13  
... em três Glórias — Luc. 9:26  
... aprisionar — Apoc. 20:2 Judas 6  
... vestido de Glória — Isa. 63:1  
... reger as nações com vara de ferro — Apoc. 12:5  
... julgar com Justiça — Sal. 98:9  
... coroado de ouro e Glória — Apoc. 14:14; Heb. 2:9  
... anunciado por três Anjos precursores — Apoc. 14:6-12  
... dar a vida — Ezeq. 37:1-14  
... fazer-nos iguais a Ele — I João 3:2; Sal. 17:15  
... e «não Se calará» — Sal. 50:3; I Tess. 4:16  
... trazer descanso e Água Viva — Isa. 32:18; Apoc. 22:17  
... pagar a nós a recompensa do bem que Ele nos fez — Isa. 64:4; 26:12  
... fazer misericórdia aos santos — Heb. 4:16  
... e Justiça aos pecadores — Sal. 96:13  
... mostrar que o Dom gratuito de DEUS é a Vida Eterna — I Cor. 15:22-23; Rom. 6:23

EIS QUE ESTE É O NOSSO DEUS — Isa. 25:9

Silvestre de Sousa Sebastião

# A Divina Arte de Pregar

por José Pedro Falcão Sincer

O campo de actividade de um pastor é sempre vasto, e quando suas igrejas se multiplicam em número e se estendem por quilómetros há necessidade de que membros leigos tomem seu lugar, de quando em vez, nesta ou naquela reunião, substituindo-o enquanto está dirigindo uma reunião noutra local.

Assim, além da cultura geral, de conhecimentos de Hermenêutica e de História da Religião, devem possuir alguns conhecimentos do Homilética.

«Ide e pregai» foi a comissão dada pelo Senhor Jesus.

Para Spurgeon, «o cristianismo é uma mensagem a ser entregue pelo pregador e aceite pelo ouvinte».

Para a transmissão oral das verdades que Cristo mandou ensinar faz-se uso da pregação.

Nesta estão incluídos os seguintes elementos:

1. A matéria, ou seja, a Verdade divina.
2. O método de pregar, ou seja, a comunicação oral. Este método exige dois elementos indispensáveis: *a)* o pregador (Rom. 10:14-17); *b)* o auditório.
3. O propósito da pregação, que é a persuasão.

## Requisitos pessoais do pregador

O pregador necessita de possuir requisitos pessoais. Alguns deles são os seguintes:

1. Piedade, que é a íntima comunhão com Deus, profundo amor a Jesus e às almas perdidas, e estudo profundo da Palavra de Deus.
2. Dons naturais, como raciocínio claro, rápido, vigoroso e lógico; voz cheia e harmoniosa; aparência física agradável e atraente; dom de palavra; expressão entusiástica e enérgica.
3. Cultura geral sólida; conhecimentos de Teologia, História Eclesiástica, Psicologia, Filosofia e Sociologia.
4. Habilidade no processo de coleccionar e dispor o material do sermão e na maneira agradável, original e engenhosa de raciocínio e expressão do pensamento.

Somente a oração, o estudo, o esforço e a tenacidade fazem os grandes pregadores.

## Classificação dos Sermões quanto ao Assunto

Podem distinguir-se três espécies de sermões:

1. *Temático* — aquele cuja divisão é extraída do tema. Exige muito controlo, a fim de evitar divagações; requer estilo mais apurado e formal; mais imaginação e vigor intelectual; mais cultura geral e teológica, e mais conhecimentos da lógica e dialéctica.

2. *Textual* — aquele cuja divisão é tirada do texto. É profundamente bíblico e exige do pregador conhecimentos profundos das Escrituras. É também o que mais se presta a doutrinação dos crentes e é muito apreciado pelo povo. Esta modalidade baseia-se em perguntas feitas ao texto e que são respondidas pela leitura do mesmo. Onde? Quando? Como? Quê? Quem? Para quê?

3. *Expositivo* — aquele que se ocupa principalmente da exegese ou exposição completa de um texto ou palavras das Escrituras. Exige uma análise pormenorizada e lógica do texto sagrado. É o meio natural de induzir tanto o povo como o pregador a estudar a Bíblia e requer árduo trabalho por parte do pregador.

## Classificação dos Sermões quanto à Forma

Existem diversas formas de sermões:

1. Homilia ou discurso familiar, que era o método usado por S. Francisco de Assis. Tomás Spalato disse dele: «Não tinha a maneira de um pregador; seus métodos eram o da conversação».

2. Rectórico, exigindo uma preparação mais demorada, uma linguagem mais positiva e uma profunda e impressionante declaração da vontade de Deus.

3. Argumentativo. Exige boa lógica, profundos conhecimentos gerais, bíblicos, teológicos e acurado estudo.

A preparação e apresentação da mensagem ao povo pode ser realizada através de três métodos:

1. Escrever e ler todo o sermão.
2. Escrever, decorar e recitar o sermão.
3. Preparar o esboço e pregar com ou sem o auxílio desse esboço. Cada método tem suas vantagens e suas desvantagens.

O primeiro dos métodos, embora habilite o pregador a ter um estilo correcto, uma perfeita argumentação, uma melhor unidade, leva-o a perder o contacto com o auditório, não podendo observar suas reacções; prejudica-o na mimica e o sermão torna-se monótono.

O segundo dos métodos, além das vantagens do primeiro, exercita e desenvolve a memória e parece mais natural, deixando o pregador livre para gesticular, mas um lapso de memória pode pôr em perigo todo o sermão, além da má impressão causada no auditório. O tempo exigido na sua preparação é muito maior.

O último método tem a vantagem de levar menos tempo a preparar; leva ao hábito de pregar com lógica e pensar rapidamente; os gestos ficam livres e existe contacto entre o pregador e o auditório; o orador pode usar ao máximo os seus recursos naturais de imaginação e oratória, e pode expandir seu temperamento entusiasta e ardoroso; dispõe de mais tempo para a preparação das partes essenciais do sermão e muito especialmente fica livre para aproveitar a iluminação e auxílio do Espírito Santo. É certo que o estilo não é tão apurado e elegante como no dos sermões escritos e pode induzir os oradores que falem com facilidade a descuidar a preparação do sermão.

Devemos entender como preparação necessária para esta espécie de sermões o exercício em pensar com precisão, rapidez e lógica, o cuidado no desenvolvimento da sua linguagem e estilo pelo enriquecimento do seu vocabulário e leitura de autores clássicos; será mesmo conveniente decorar o esboço a fim de não ficar escravo das notas; deve cuidar da sua saúde e acima de tudo pedir o auxílio e iluminação do Espírito Santo tanto para o arranjo técnico do sermão como para a apresentação do mesmo.

va ao alto clamor e ao derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia para terminar a obra.

### Só Deus pode ajudar-nos

Só pela intervenção maravilhosa de Deus podem estes problemas — dentro e fora da Igreja — ser vencidos. As pessoas fervorosas e bem intencionadas que se acham decepcionadas por os assuntos da Igreja não serem imediatamente endireitados, e que esperam que todos os problemas que enfrentamos na terminação da obra sejam resolvidos imediatamente, devem ser pacientes, dedicar-se à oração, e ser compreensivas. Muitos destes problemas desafiam a sabedoria do homem.

«Estão diante de nós perplexidades com que dificilmente sonhamos!» Os vossos dirigentes não podem prometer-vos melhores tempos. Pelo contrário, a Bíblia e o Espírito de profecia predizem tempos ainda mais difíceis.

«O trabalho que a igreja tem deixado de fazer em tempo de paz e prosperidade, terá de realizar em terrível crise, sob as circunstâncias mais desanimadoras, proibitivas». — *Testemunhos Selectos*, Vol. II, pág. 164. Oremos para que Deus faça de nós a espécie de obreiros e membros que possam com o Seu auxílio terminar a obra apesar destes dias desanimadores e proibitivos que estão diante de nós.

Quanto todos nós, obreiros e membros, necessitamos de orar como nunca dantes para que Deus nos dê sabedoria, coragem e perseverança para enfrentar o futuro com confiança! Se fizermos a nossa parte, Deus fará a Sua — não há dúvida acerca disso. No passado, vezes sem número, Ele manifestou a Sua prontidão para guiar e guardar o Seu povo sob as circunstâncias mais proibitivas e difíceis.

«Nada temos a temer para o futuro, a não ser que esqueçamos a maneira como o Senhor nos guiou e o Seu ensino na nossa história passada». — *Life Sketches*, pág. 106.

Que bem-aventurada certeza! A vitória será nossa! Entretanto os vossos dirigentes em todos os níveis — oficiais da igreja local; oficiais da União, da Divisão e da Conferência Geral — todos dizem com Paulo: «Irmãos, orai por nós».

# Através da Seara de Angola

## Recordando os primeiros tempos do Bongo

Em Junho de 1942, cheguei aqui ao Bongo. O meu destino era a Missão Evangélica do Elende, onde se encontravam uns meus parentes.

Passei aqui a noite, e no dia seguinte vi as barracas dos primeiros missionários, que eram os Srs. Anderson (Kakongo) e Bredenkamp.

Antes de eu partir para o Elende, o Sr. Bredenkamp deu-me uma Bíblia Sagrada, e ao mesmo tempo começou a dar-me os primeiros estudos bíblicos acerca do Sábado.

Passada uma semana, fui à minha aldeia convidar os meus amigos, dizendo-lhes que tinha encontrado os missionários que guardam o Sábado. As primeiras pessoas que aceitaram o meu convite foram: Longuia Chiuvisi, Valeriano Cangumba e Isaque Troco.

Depois comecei com as minhas viagens evangelísticas. A primeira aldeia aonde fui anunciar o evangelho foi a Iava, e depois passei para Chipepe, Sailundo, Aienja, Emana e Catocola.

Depois das viagens, ia muitas vezes às aldeias circunvizinhas convidar todos os doentes, falando-lhes ao mesmo tempo a respeito do Sábado.

Em 1925, começaram a chegar das aldeias muitas pessoas à procura de trabalho. Foi nesse ano que chegou o primeiro professor, que foi o Sr. Artur de Oliveira.

Depois desse ano, os missionários foram fundar a Missão da Luz.

Em 1927, fui convidado para ir a Nova Lisboa fazer o mesmo serviço. Durante a semana convidava muitas pessoas para se reunirem connosco no Sábado.

Prezados filhos, pastores e mestres: avançai com o serviço começado por nós. Que Jesus, o grande Mestre, vos recompense grandemente. Peço-vos que não me esqueçais nas vossas orações.

Minha esposa e eu fomos baptizados em 1925. Agora sou velho, mas espero que Cristo me levará para os Céus quando aparecer a segunda vez.

Vosso pai em Cristo

## Na Área de Cangongo

Quando fui transferido da Missão do Cuale para a área do Duque de Bragança passei dois meses a visitar as catequeses, sem acabar de dar volta a toda a área, visto que não tinha ainda transporte próprio e a área, composta de 25 catequeses, é muito vasta.

Antes de visitar uma das catequeses, já me soava aos ouvidos que o catequista estava a procurar segunda mulher.

Quando lá cheguei procurei saber melhor, mas nem os membros nem os velhos da aldeia me queriam revelar o segredo.

No regresso, encontrei um homem já idoso, numa aldeia a quase 30 quilómetros daquela catequese, que me disse: «Foste visitar o teu catequista que está a arranjar uma segunda mulher?»

Cheio de vergonha, perguntei-lhe se sabia que mulher era essa. Embora me não dissesse o nome, respondia com segurança que isso era verdade.

Como o rumor continuasse, resolvi voltar de novo à sua aldeia, acompanhado por um diácono que é obreiro leigo como ele era.

A princípio negou, mas finalmente declarou que não era por sua vontade, mas por vontade da família em virtude de a mulher que ele tinha não dar filhos.

Falámos com ele, dizendo-lhe que não devia aceitar os conselhos da família, mas as nossas palavras foram em vão. E concluiu dizendo que os pastores têm fé porque têm filhos.

Passados uns dois meses ele teve que dotar a tal rapariga e saiu da Obra.

Prezados irmãos, lede Heb. 10:35, 36 e Mat. 16:26.

Depois de ele deixar a Obra, a sua segunda mulher ficou completamente atacada de lepra, e não teve nenhum filho como ele e a família queriam.

Por fim, despediu-a, recebeu a sua importância e ficou com a sua antiga mulher.

Hoje encontra-se embaraçado com a vida, não sabendo que fazer.

Aos queridos obreiros de todos os campos suplico que oremos a Deus a favor deste nosso irmão transviado.

*Seculo Freitas Uchila*

*Gouveia Mesaque*

## Uma Mulher Paciente

Jinga era uma mulher com cinco filhos e muito amiga de seu marido.

O marido resolveu ir até à África do Sul, a fim de ali ganhar um pouco para poder comprar uns bois.

Jinga ficou com os seus cinco filhos, julgando que o marido não se demorava. Passou-se um ano, e depois dois, três e quatro.

Os homens começaram a chegar às tardes a casa da Jinga, contando histórias e notícias de seu marido.

Por fim, disseram-lhe que ele tinha morrido, com cerca de mais uns 30 homens, devido ao desmoronamento da mina onde estavam a trabalhar.

A mulher respondeu que gostaria de ver algum sinal, ou camisa, ou calças, provando que ele tinha morrido.

Os homens continuaram a levar coisas, para ver se conseguiam os seus intuitos. Mas Jinga tinha fé de que o seu marido ainda vivia.

Como viam que não conseguiam de outra maneira, e como ela vivia numa casa de pau a pique, abriram um buraco na ombreira da porta para poderem meter a mão e tirar o pau que servia de chave. Mas a mulher resistiu, batendo nas mãos desses homens.

Assim fizeram durante esses quatro anos. Uns davam sal, outros ajudavam nos seus serviços, cobriam a casa quando faltava capim, davam remédios aos seus filhos, compravam-lhe peixe, etc.

Mas a mulher dizia sempre: «Vale a pena esperar pelo meu marido e que ele não venha encontrar nada de vergonhoso».

Certa noite ouviu bater à porta.

«Quem é?»

«Sou eu, abre a porta».

Jinga reconheceu a voz do seu marido.

Ao abrir a porta, viu o seu marido com uma mala grande. Ela começou a chorar, lembrando-se dos homens que a queriam levar a pecar.

No dia seguinte, os homens que andavam a cobiçar aquela mulher, chegaram junto do seu marido, e cumprimentaram-no.

Quando eles se apartaram a mulher contou ao seu marido que aqueles homens é que tinham aberto o buraco que se via na parede para a fazerem pecar.

Então o homem disse à sua esposa: «Co-

mo foste fiel até aqui, nunca pensei em arranjar outra mulher. Recebe toda a roupa que te preparei».

Diz a Palavra de Deus: «E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa». Hebreus 6:15.

*Vasco Sepalanga*

## Ebo Njinga

Ebo Njinga tivera dez filhos, dos quais oito morreram. Com tristeza e desânimo pensava muito neles, e depois de ter o décimo filho o demónio entrou nela.

Tornou-se adivinhadora e assim viveu três anos.

Um seu filho foi estudar para a Missão do Cuale, e por meio dele ela aceitou a mensagem.

Depois de ter frequentado as Classes de Ouvintes e Baptismal, foi baptizada em 1963. Desde então tem sido um fiel membro de igreja.

*E. F.*



*Ebo Njinga*

# ESGOTAMENTO DAS LAVRAS

por José de Sá

A terra contém todos os elementos indispensáveis ao bom e regular desenvolvimento das plantas. Há, porém, que saber aproveitá-los. Em muitos casos, devido ao errado processo de cultivar, privamos a terra desses elementos ou do seu aproveitamento pelas plantas. É frequente vermos lavras abandonadas, e isto porque deixaram de produzir compensadoramente.

A população das áreas do Lépi, Longonjo, Cuima, Caconda e outras estão neste caso, abandonando as suas lavras e emigrando para as margens do Rio Cunene, justamente porque as lavras estão cansadas e já pouco ou nada produzem. Mas a continuar com os mesmos processos de cultivar, passados alguns anos acontecerá o mesmo nas novas áreas cultivadas.

Um conhecimento das causas do esgotamento das lavras e um ajuizado método de cultivar é o que se impõe.

## Causas do Esgotamento das Lavras

A erosão ou lavagem da terra pelas águas da chuva e rega, a maneira errada de cultivar, a falta de adubo e as espécies cultivadas ano após ano figuram entre os principais motivos de lavras «velhas» ou cansadas.

A erosão é talvez a causa mais difícil de evitar. Mas com alguns conhecimentos podemos evitá-la com relativa eficácia. O mais económico para o nosso caso será:

Nos terrenos inclinados, deixar faixas não cultivadas no sentido atravessado ou perpendicular à descida. Quanto maior for a inclinação do terreno mais faixas não cultivadas teremos de deixar. Estas faixas serão depois cultivadas quando a parte lavrada tiver necessidade de ser deixada em descanso ou pousio. As faixas não cultivadas devem estar cobertas de capim ou arbustos ou mesmo árvores. Mas pode-se também plantar nelas produtos que levem anos para produzirem, como a mandioca, por exemplo. O capim gordura, com a facilidade com

que cresce nas lavras abandonadas, é um bom produto para deixar crescer livremente nas faixas não cultivadas para segurança da terra contra a erosão do terreno.

A erosão, quando permitida, leva o melhor da terra, deixando apenas o que não pode dissolver ou é pesado demais para ser levado pela água. Todas as matérias leves e calcárias são facilmente arrastadas, deixando uma lavra incapaz para a cultura. Esta é a razão por que como primeiro cuidado à agricultura há que evitar a erosão. Temos então, como já dissemos, o método de deixar faixas não cultivadas, horizontalmente, no meio das lavras em terrenos inclinados.

Lavar sempre no sentido horizontal, e nunca de cima para baixo ou de baixo para cima, evitando desse modo fazer qualquer vala que facilite a descida da água.

Há ainda outros processos de evitar a erosão.

A construção de socacos compridos e sempre no sentido horizontal. Socacos largos em terreno pouco inclinado; mais estreitos, quando o terreno for bastante inclinado. As parcelas dos socacos podem ser só de terra, nos quais se permite crescer o capim, especialmente antes de começarem as chuvas e se deixa durante todo o tempo em que estas durarem. Pode-se ainda seguir o método usado pelos agricultores da área do Luimbale, que consiste em fazer paredes com torrões de capim, que pega e tornar-se-á numa verdadeira parede viva.

O melhor processo é definitivo, mas fora do alcance da quase totalidade dos agricultores, se não mesmo fora da possibilidade de todos, seria construir paredes com pedra. Se alguém puder fazer paredes de pedras, eis aqui a sugestão.

Nos terrenos baixos, não inclinados, a erosão tem pouca importância, salvo à margem dos rios que costumam encher, transbordar e alagar ou mesmo arrastar a terra. Nesse caso aconselhamos a não cultivar durante o período das chuvas, mas guardar

esses terrenos para cultivar hortaliças no tempo seco. Embora deixados por cultivar durante as chuvas, esses terrenos vão depois compensar pela boa produção de hortaliça, sempre apreciada e bem vendida nos mercados ou mesmo de casa em casa.

A outra razão de pouca produção ou esgotamento de uma lavoura é a errada maneira de cultivar, a cultura ano após ano da mesma espécie na mesma lavoura. Lavouras são cultivadas em anos seguidos com milho e feijão; outras são sempre usadas para a cultura de batatas, e ainda outras são sempre usadas para a cultura de trigo, etc. Um produto que pouco esgota a terra é a mandioca, mas mesmo esta não convém ser plantada sempre no mesmo lugar.

A cultura repetida do mesmo produto na mesma lavoura esgota-a.

Cada espécie agrícola tem necessidade de determinado alimento. Sim, não estranhem dizer que as plantas se alimentam. Elas alimentam-se como todos os seres vivos. As vacas, cabras e outros animais chamados herbívoros alimentam-se de ervas, como o seu nome indica. Mesmo entre os herbívoros uns preferem determinada erva e outros outra. Os pássaros, uns alimentam-se de insectos e outros de sementes. Temos depois animais carnívoros, que se alimentam de carne, e por fim temos o homem, que se habituou a comer de quase tudo.

As plantas necessitam, umas mais, outras menos, de certas substâncias como seu «alimento». Quando cultivamos o mesmo produto, milho por exemplo, anos seguidos na mesma lavoura, este, usando sempre o mesmo alimento da lavoura, acaba por esgotá-la e torná-la desse modo imprópria para qualquer outra cultura, a menos que seja devidamente fornecida de estrume ou adubo.

Essa necessidade não se acha ainda bem explicada pela Ciência, mas é um facto. ... O pequeno agricultor deve reter apenas a regra prática geral e efectiva: que se não deve plantar, seguidamente, por mais de duas vezes no mesmo terreno a mesma planta, e mais, que as plantas de raízes profundas ou que dão sementes (milho, feijão, arroz, trigo, centeio, algodão, ricino, etc.) devem, no afofamento, alternar com as plantas de raízes superficiais ou que dão raízes (mandioca, batata doce, inhame, etc.), caules (cana de açúcar), tubérculos (batata inglesa) ou forragens (alfalfa e capins)).

Vamos procurar ser mais claros com a rotação, andando por outro caminho. O milho necessita para bem se desenvolver de muito nitrogénio ou azoto, e depois de crescido precisa de fósforo e potassa em pequena quantidade para poder desenvolver bem o grão. O feijão não necessita de muito nitrogénio — pouco, apenas nos primeiros dias — mas precisa de fósforo. A batata inglesa (batata branca) precisa de muita potassa. Sendo que estes três produtos principais precisam em maiores quantidades dos diferentes elementos da terra, servem de bom padrão para uma racional rotação. Um ano semeamos, por exemplo, milho; no ano seguinte, batata branca; depois feijão; e por último, trigo ou mandioca. Cada agricultor escolherá o que plantar em anos seguidos de acordo com estas ligeiras indicações.

O outro processo de evitar o esgotamento da lavoura é adubar com estrume de animais, que ainda é o melhor (sendo o mais forte o de galinhas) e adubo químico ou comercial.

---

## Como Evitar esse Esgotamento

Os principais processos consistem em fazer o que se chama «afolhamento», ou seja, plantar uma espécie «folha» cada ano ou período de cultura e depois outra «folha», e ainda outra e mais outra, sempre diferente. O tempo que a mesma planta leva a ser de novo plantada na mesma lavoura chama-se «rotação».

O Dr. Nilo Cairo diz o seguinte: «Esta ne-

«No cultivo da terra o trabalhador ponderado descobrirá que se apresentam diante dele tesouros de que pouco suspeitava. Ninguém poderá ser bem sucedido na agricultura ou na jardinagem, sem a devida atenção às leis envolvidas nestes mistérios. Devem ser estudadas as necessidades especiais de cada variedade de plantas. Variedades diferentes requerem solo e culturas diferentes; e conformidade com as leis que regem a cada uma dessas variedades é a condição para o êxito». — **O Lar Adventista**, pág. 142.

# Notícias do Campo

## José da Silva Botelho

Em 1 de Fevereiro regressou a Angola, acompanhado de sua Esposa, o Ir. José da Silva Botelho, que prossegue a sua actividade à frente da Tipografia da Missão do Bongo.

## Pastor Vitorino Chaves

Em 2 de Fevereiro regressou a Angola o Pastor Vitorino Chaves, acompanhado de sua Esposa. A Igreja de Moçâmedes continua sendo o seu campo de trabalho.

## O Evangelho penetra nas Terras do Amboim

Por volta de 1959/60 apareceram na Missão da Namba uns crentes da Igreja Pentecostal para comprarem Bíblias. Além das Bíblias compraram um Manual de Baptismo e foram-lhes oferecidos alguns trimensários.

Essas pessoas vinham dos lados da Conda e do Amboim. Passados tempos pediram para que lhes fosse enviado alguém que lhes explicasse melhor certas crenças bíblicas observadas de uma maneira especial pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, mormente, no que diz respeito ao sábado, dizimo, baptismo por imersão, etc.

Em 1960 o ancião José João contactou com estas pessoas uma ou duas vezes. Os acontecimentos de 1961, porém, interromperam estes contactos. Passaram-se mais uns dois anos sem se saber mais alguma coisa destas pessoas interessadas. Nas Reuniões de Reavivamento Espiritual de 1963, no Seles, apresentaram-se oito pessoas, dizendo que se queriam baptizar e entrar para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ficámos admirados, pois, nunca tínhamos contactado com elas. Pelo menos, nenhum obreiro presente o tinha feito.

Perguntámos donde vinham, quem eram e quem os tinha preparado para o baptismo. Responderam-nos que vinham da região da Conda, que eles já antes tinham ido à Missão da Namba comprar Bíblias e que no Manual de Baptismo, que lá tinham também comprado, tinham estudado as doutrinas bíblicas necessárias ao baptismo.

Depois de examinados, verificámos que, realmente, estavam aptos a serem baptizados segundo os preceitos ensinados pela Bíblia e seguidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No ano seguinte, mais outros se apresentaram pedindo também para serem baptizados. Estes vinham também da região da Conda. Depois do respectivo exame, foram submetidos a este acto público de aceitação de Jesus como seu Salvador.

Ora, como já eram uns quinze membros que a Igreja tinha no Posto Administrativo da Conda, fomos lá falar com o Sr. Administrador do Posto para vermos as possibi-

lidades que haveria de enviarmos um obreiro que prestasse assistência espiritual a estes irmãos e preparasse outros para entrarem na Igreja.

Fomos autorizados a colocar ali um obreiro, e o primeiro a ser enviado foi o Irmão Manuel Davoca e sua Esposa. Mas, por causas várias, foi-nos solicitado que retirássemos o catequista. Com pena, tivemos que atender a esta ordem. Passaram-se meses, creio que mais um ano. De novo insistimos junto das autoridades administrativas e foi-nos permitido enviar um outro obreiro. Desta vez coube a honra ao Irmão Vieira Banda e Família irem trabalhar para o Senhor na região da Conda. Depois deste, mais dois ali foram colocados, os casais Francisco Bediente e Contino Xavier. Hoje, se os houvesse, mais poderíamos enviar.

Os crentes que vivem nestas terras têm parentes do outro lado do rio Queve, e entraram em contacto com eles.

Nas Reuniões de Reavivamento Espiritual de 1966, no Seles, foram apresentados para o baptismo pessoas que vinham da região do Amboim, do Posto de Assango, Gabela. Foram baptizados, depois de se verificar que estavam a seguir os ensinamentos bíblicos.

Começámos, então, a estudar as possibilidades que haveria em transpor o rio e estabelecermos o trabalho nas terras do Amboim.

Quando da nossa passagem pela Gabela, no trabalho da recolha de donativos para as Missões, aproveitámos para apresentar o assunto às autoridades, Senhores Administrador do Concelho e Administrador do Posto de Assango, onde pretendíamos fundar uma catequese. Vimos da parte deles a melhor compreensão e espírito de boa vontade. Certamente que Deus não há-de deixar de os abençoar por isso.

Mas quem havia de ir? Obreiros novos não havia nem há. Depois de muito pensar e combinar com os nossos Irmãos Dirigentes de Área, resolvemos mandar para ali um obreiro com experiência e que ali pudesse representar bem o Trabalho do Senhor. Assim, coube a honra e o privilégio ao Irmão Artur Catimba ir fixar o Estandarte do Evangelho nas terras do Amboim.

Com a ajuda de Deus, nesta região, um grande número de pessoas ainda hão-de aprender a seguir os ensinamentos da Palavra de Deus. Grandes perspectivas para o Evangelho se estão anteendo na região do Amboim. Para isso agradecemos as vossas orações.

Que o Senhor continue a dirigir o seu Trabalho não só naquelas terras, mas em todos os lugares onde a sua Palavra é pregada.

A. Valente